

Para especialista, estabilidade não é garantia de crescimento

Economista norte-americano criticou exposição de Malan no início do fórum

RIO - O economista Jan Kreger, da Unctad, alertou ontem que a estabilidade econômica não tem uma ligação direta com o desenvolvimento. A declaração foi uma crítica à exposição do ministro da Fazenda, Pedro Malan, no início do 11.º Fórum Nacional de Altos Estudos, no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Kreger citou o exemplo da Europa para demonstrar sua tese. Segundo ele, os países daquele continente adotaram em geral políticas para reduzir suas taxas de inflação. Mas hoje, apesar de o custo de vida estar declinante, o crescimento na Comunidade Econômica Europeia (CEE) ainda é inferior ao necessário e as taxas de desemprego não estão melhorando.

A política econômica do governo brasileiro dividiu os economistas estrangeiros que participaram ontem do fórum. Enquanto Kreger criticou Malan, o economista Barry Eichengreen, da Universidade de Berkeley (EUA), elogiou o sistema de metas de inflação que o Banco Central vai adotar a partir de junho. Para Eichengreen, o Fundo Monetário Internacional (FMI) podia incentivar outros países a adotar a medida.

O economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ) Paulo Nogueira Batista Júnior chegou a irritar o secretário de Política Econômica, Edward Amadeo, ao criticar o governo. Batista Júnior afirmou que a recuperação do Brasil após a desvalorização foi "milagrosa" e uma prova de que "assim

como Deus, a equipe econômica brasileira escreve certo por linhas tortas".

"Não acredito em milagres, mas em decisões tomadas com vigor e transparência", rechaçou Amadeo, ao lembrar que foi uma decisão extremamente difícil, para o governo, aumentar a taxa de juros logo após a flutuação do câmbio. A recuperação da economia, segundo o secretário, mostrou o "acerto da equipe econômica e também que nem sempre é por milagres que as coisas acontecem".

Eichengreen notou que, para os Estados Unidos, desde a semana passada, já não há mais perigo de o Brasil provocar uma crise internacional. Se o governo norte-americano não tivesse essa análise, disse o economista norte-americano,

o secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, não teria anunciado sua renúncia.

EQUIPE ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS, DIZ BATISTA

Reforma - O economista norte-americano defendeu uma mudança nas formas que o sistema financeiro internacional dispõe para evitar crises.

Segundo ele, o método adotado atualmente, de empréstimos a países em dificuldades por instituições internacionais, acaba por estimular investimentos de alto risco - pela percepção que passa de que, no fundo, o risco pode ser evitado.

Para o economista, devia ser permitido, em casos extremamente graves, que os países mudassem os prazos de pagamento de suas dívidas. O diretor do Grupo de Perspectivas de Desenvolvimento do Banco Mundial, Uri Dadush, alertou que o volume de empréstimos para ajudar países atingidos em crise, liberados por instituições financeiras internacionais, já chega a US\$ 200 bilhões. (D.N. e G.A.)